

Banqueiros criticam o Plano Brady

Os executivos dos bancos americanos explicaram seus pontos de vista em uma agitada reunião com Brady e outros funcionários do Tesouro, dia 22 de setembro. Segundo fontes presentes ao encontro, os banqueiros estrangeiros também criticaram o Plano Brady, afirmando que exige muito da parte deles.

"Como se pode reduzir a dívida, perdoar os juros e ainda conceder novos empréstimos?", perguntou Yusuke Kashiwagi, presidente do Banco de Tóquio Ltda., em um fórum patrocinado pela revista The International Economy. "Como convencer o conselho diretor?"

Os banqueiros parecem ter sido encorajados pelas medidas adotadas uma semana antes por três grandes bancos nova-iorquinos — Manufacturers Hanover, Chase Manhattan e Morgan Guaranty —, que elevaram em bilhões de dólares suas provisões de reservas para os empréstimos do Terceiro Mundo. Os três bancos, é verdade, tiveram

de arcar com grandes perdas a curto prazo, mas ampliaram seu poder de barganha porque têm mais condições para recusar os pedidos de novos empréstimos. Se ameaçados pela inadimplência dos devedores, esses bancos podem ficar tranqüilos, pois sabem que basta diminuir as reservas sem ter que cortar os lucros.

A mensagem dos três bancos para os devedores e as autoridades americanas foi clara. "Eles estão dizendo: vocês não podem nos pegar", analisa Guido Schmidt-Chiari, presidente do Creditanstalt, grande banco austriaco. Alguns banqueiros e analistas vêem implicações mais amplas: a perspectiva de que os bancos estão começando a voltar as costas para o Terceiro Mundo e se recusarão a fornecer dinheiro novo aos países em desenvolvimento, que dele necessitam para vigorar suas combalidas economias.

Novos empréstimos — Funcionários do Tesouro não se deixam abater por essa análise sombria. Mesmo antes do anúncio do Plano Brady em março, dizem, os bancos já não estavam dando novos empréstimos aos países em desenvolvimento e, quando o faziam, "era dinheiro que emprestavam para que os juros da dívida antigas fossem pagos", nas palavras de um alto chefe de departamento.

Este funcionário prevê que alguns novos empréstimos continuarão a fluir e acredita que nesse meio tempo os devedores beneficiados pelo Plano Brady possam pelo menos obter o impulso financeiro parcial de que necessitam com o que economizarem de juros.

Ainda assim, as autoridades estão lutando para manter os bancos na linha, com agrados, ou ameaças, se os agrados não funcionarem. Em discurso há dias, E. Gerald Corrigan anunciou uma importante concessão aos bancos que concordarem em dar novos empréstimos através do Plano Brady. Disse que esses bancos não serão obrigados a fazer provisões de reservas para os novos créditos. Mas, acrescentou, os que fizeram grandes reservas "não devem crer que podem ficar ao largo do processo".

Bush convidou um grupo de altos executivos financeiros para a Casa Branca e engajou-se em um lobby sem precedentes em favor do Plano Brady. Mas, pelo menos em uma coisa o governo dos EUA e os banqueiros concordam: os devedores do Terceiro Mundo devem adotar sérias medidas para conter a inflação, livrar suas economias de empresas estatais pouco eficientes e adotar medidas que ampliem o investimento estrangeiro. (P.B.)